

O PAPEL DA VARIÁVEL CLASSE SOCIAL NO USO DE *A GENTE* EM PELOTAS - RS E OS NOVOS SIGNIFICADOS SOCIAIS PARA UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

*THE ROLE OF THE SOCIAL CLASS VARIABLE IN THE USE OF 'A GENTE' IN
PELOTAS - RS AND THE NEW SOCIAL MEANINGS FOR A VARIATION ANALYSIS*

Paulo Ricardo Silveira Borges¹

Resumo: O propósito deste texto é analisar o uso de *a gente* nas comunidades de Pelotas, dando ênfase para a variável *classe social*. Trazemos, também, outros questionamentos e desafios para uma nova proposta de (re)coleta de dados que pretendemos organizar a partir de 2020. Os dados de fala utilizados foram coletados em 2002, organizados sociolinguisticamente por classe social, faixa etária e gênero. Utilizamos para a análise trinta e seis entrevistas do Banco de Dados por Classe Social - VarX (Pelotas), constituído a partir da perspectiva metodológica variacionista. A análise dos dados de fala da comunidade de Pelotas visou à identificação do estágio da mudança em torno do uso do pronome *a gente* em Pelotas, no Extremo Sul do Brasil, bem como a verificação dos limites do contínuo dialetal em torno dessa mudança, como também de sua propagação. Esperamos poder contribuir para o mapeamento dos caminhos da mudança em torno da utilização da forma pronominal *a gente* no Português do Brasil.

Palavras-chave: sociolinguística; variação e mudança; classe social; Português Brasileiro.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the use of *a gente* in the communities of Pelotas, emphasizing the variable social class. We also bring other questions and challenges to a new proposal for collection of data that we intend to organize from 2020. The speech data used were collected in 2002, organized sociolinguistically by social class, age and gender. We used for the analysis thirty-six interviews of VarX (Pelotas), based on a variational methodological perspective. The analysis of the speech data of the community of Pelotas aims to identify the stage of the change around the use of the pronoun *a gente* in Pelotas, in the Extreme South of Brazil, as well as the verification of the boundaries of the continuous dialect around this change, in addition to its propagation. We hope to contribute to the mapping of the paths of the change around the use of the pronominal form *a gente* in Brazilian Portuguese.

Keywords: sociolinguistics; variation and change; social class; Brazilian Portuguese.

1 Introdução

A variável classe social pode desempenhar um importante papel no surgimento das inovações linguísticas que se difundem gradualmente através do espectro social. Um estudo sociolinguístico para analisar determinada mudança em progresso procurará responder as seguintes questões: Que grupos sociais originam as mudanças? E qual as motivações para fazê-las?

¹ Professor Associado da área de Língua Portuguesa e Linguística do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. E-mail: paulorsborges@gmail.com

As respostas às questões propostas envolvem avaliações complexas, uma vez que os diferentes usos sociais da língua estão atrelados a classes sociais representativas de contextos históricos, sociais, linguísticos e/ou identitários próprios a determinados grupos sociais. Salienta-se ainda o fato de alguns grupos sociais aceitarem mais rapidamente determinadas formas inovadoras, enquanto outros tendem a resistir ao fluxo da inovação e da mudança.

Nesse particular, Naro e Scherre (1991, p. 15) já demonstraram que “o que está mudando para algumas pessoas pode estar estável para outras pessoas e o que está aumentando para alguns pode estar diminuindo para outros”. A variação linguística seria um reflexo da própria dinâmica social de determinada comunidade podendo, também, envolver mudança. Foi o que se observou no *continuum* socioeconômico e linguísticos relacionado à utilização da forma inovadora *a gente* na comunidade de Pelotas, no Sul do Rio Grande do Sul.

O trabalho de Labov (1972) mostra que algumas mudanças em progresso ocorrem no interior de uma comunidade por baixo do nível de consciência dos falantes (*change from below*) caracterizando um tipo de processo denominado "espontâneo". A inovação seria usada principalmente e com maior frequência pelo grupo intermediário da escala social (*upper working and lower middle classes*). Observa-se, assim, que o fator classe social tem um papel importante para as investigações sociolinguísticas, pois relaciona-se com outros componentes como ocupação, nível educacional, bens de consumo, valor econômico, fatores relevantes para a caracterização das dimensões sociais da mudança.

Labov (2001) retoma o tema em torno dos "problemas empíricos" clássicos apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (1968), destacando a dimensão de classe ou *status* social como fator importante para a melhor compreensão dos processos de mudança linguística, uma vez que os diferentes grupos sociais de uma comunidade oferecem indícios de *estilos expressivos* de fala que apresentam maior ou menor motivação social para determinada mudança linguística. A identidade social do falante seria construída a partir da identidade de classe e a adoção de uma determinada mudança dependeria do tipo de identidade local que o falante tem com a comunidade. O grupo que representaria melhor esta identidade social seria a classe trabalhadora média-baixa que teria maior motivação social para inovar. LABOV (1994, p. 78) caracteriza esse tipo de mudança como “change from below the level of conscious awareness” (mudança que vem de baixo do nível de consciência), ou seja, mudança que vem de baixo para cima e que se refere a níveis de consciência social e posição na hierarquia

socioeconômica. As mudanças, nessa perspectiva laboviana, geralmente seriam iniciadas pela classe que depende mais da comunidade para adquirir prestígio havendo, nesses casos, uma forte correlação entre mudança linguística e a posição (*status*) de determinados grupos na sociedade.

Esse fato também foi evidenciado por Amaral (2003, p. 192), ao analisar "a concordância verbal de 2ª pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais", ao mostrar que "quanto maior é o capital social acumulado, maior é o capital linguístico e, portanto, maior também seria a resistência dos indivíduos à mudança".

Guy (1987, p. 56) também associa a mudança linguística a aspectos envolvendo variação social, haja vista que "em dado momento, no curso de uma mudança, haverá membros da comunidade de fala usando a forma nova e outros utilizando a forma velha". É possível também que alguns membros utilizem as duas formas identificadas como representativas de um determinado dialeto. Para um estudo sociolinguístico de comunidades urbanas, como no caso do estudo aqui apresentado, é importante que se observe quais são as diferenciações sociais presentes e quais as suas relações com os processos de variação e mudança.

Nesse aspecto, Eckert (2000) evidencia que os papéis sociais e linguísticos que um grupo desempenha estão atrelados ao grau de mobilidade social que esse grupo apresenta em uma comunidade de fala. As várias características de natureza social que identificam um grupo, em decorrência das suas interações, práticas e significados sociais, estão constantemente sendo atualizadas e redefinidas indicando, em muitos casos, caminhos diversos para as mudanças linguísticas. A língua deve ser entendida como um dos elementos sociais que reflete, condiciona e configura as diferenças entre grupos sociais.

Como sabemos, as variáveis linguísticas atuam como indicadores de diferentes comportamentos sociais. E são esses diferentes comportamentos que fez com que Labov (1994) entendesse como importante para as análises sociolinguísticas o que denominou de "análise multivariável de dados contínuos", por acreditar que os processos de variação e mudança linguística geralmente são resultado de muitos fatores que atuam simultaneamente:

Em geral, nenhuma amostra pode representar em proporções iguais todos os fatores que influenciam sobre a variável dependente. Como resultado, a particular distribuição em *tempo aparente* pode realmente refletir a distribuição de outras variáveis na população. (LABOV, 1994, p. 56)

Levando-se em conta as características de determinada comunidade, pode-se compreender melhor quais fatores sociais que estão atuando, como também as variações linguísticas advindas das diferentes manifestações sociais dos seus falantes. Essas características sociais, no entender de Guy (2000, p. 18), podem ser entendidas se atentarmos para a concepção de “comunidade de fala”, haja vista que é possível aproximar as características linguísticas individuais de cada falante com os aspectos próprios ao dialeto e à cultura de determinada comunidade. O autor caracteriza “comunidade de fala” levando em conta os seguintes aspectos: (a) características linguísticas compartilhadas: palavras, sons ou construções gramaticais que são usadas na comunidade, mas não o são fora dela; (b) densidade de comunicação interna relativamente alta: as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele; (c) normas compartilhadas: atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

A noção de “comunidade de fala”, dessa forma, torna-se importante para a caracterização de um modelo sociolinguístico de análise dos fenômenos de fala, uma vez que a multiplicidade de situações linguísticas associadas a fatores sociais é definidora para a melhor explicação dos fenômenos envolvendo variação e mudança linguística. Na comunidade de fala Pelotas podemos identificar, pelo caráter heterogêneo em torno do uso da forma pronominal *a gente*, que há uma forte relação entre variação e mudança linguística motivada principalmente pela atuação da variável *classe social*.

2 A caracterização da variável *classe social*

O fator escolaridade está presente na construção da variável *classe social*, juntamente com outras variáveis como renda, profissão e local de moradia. Amaral (2003) estrutura a variável classe sociais levando em conta três dimensões: econômica, profissional e educacional:

Em uma comunidade de fala há classes com interesses sociais e econômicos e com manifestações culturais e linguísticas diferentes. Provavelmente, então, essas classes têm uma visão da realidade e do modo de resolver seus problemas igualmente diferente. (AMARAL, 2003, p. 194)

Guy (1987, p. 37), ao tratar da variável classe social, salienta que “as divisões de classe estão essencialmente baseadas no *status* e poder na sociedade”. Dentro dessa perspectiva, propõe a divisão da sociedade em várias classes conforme renda, bens,

local de moradia, ocupação e escolaridade. O autor entende, também, que os processos de mudança linguística envolvem variação social, devido às múltiplas relações que os grupos e os indivíduos desempenham em uma comunidade.

Labov (1972, p. 249), ao tratar do *status* relacionado às variáveis linguísticas, apresenta as noções de "prestígio aberto" e de "prestígio encoberto". O "prestígio aberto" é expresso de maneira geral, de forma pública e corresponde à boa reputação de que gozam algumas variedades de fala; o "prestígio encoberto", em oposição, diz respeito a uma valorização inconsciente de formas linguísticas (não necessariamente da língua padrão).

Chambers (1995, p. 43), por sua vez, indica a ocupação como destaque na identificação das classes sociais, uma vez que pode revelar, indiretamente, a escolaridade e a renda. Para o autor a sociedade está dividida, basicamente, em duas classes: "classe dos trabalhadores manuais (operários) e classe dos trabalhadores não-manuais (classe média-baixa)". O importante para o estudo variacionista aqui proposto, é verificar como essas classes se correlacionam na estrutura social e como poderiam interferir no processo de variação e mudança envolvendo a forma *a gente* utilizada em Pelotas.

Ao relacionar aspectos sociais com as diferenças linguísticas, Bourdieu (1991) afirma que as relações simbólicas de poder atualizam-se constantemente no discurso:

Devemos lembrar que as relações de comunicação 'por excelência' – trocas linguísticas – são também relações de poder simbólico, onde as relações de poder entre os falantes ou entre seus respectivos grupos são atualizadas. (BOURDIEU, 1991, p. 37)

A variação linguística, nessa perspectiva, estaria atrelada a aspectos relacionados com as próprias diferenças sociais e culturais, intrínsecas à hierarquia das diferentes sociedades. Para Bourdieu (1991:44) existem marcadores linguísticos facilmente identificáveis nas relações sociais, políticas ou simbólicas, o que justificaria a afirmação de que "não é o espaço que define a língua, mas a língua que define seu espaço". A noção de classe social corresponderia, portanto, às próprias condições sociais de produção da fala, representativas de um momento histórico, de um espaço e de um contexto discursivo.

Oushiro (2015) traz para seu estudo sociolinguístico uma proposta de análise multivariada para "a concordância verbal no português brasileiro e no português paulistano", com enfoque nas correlações com sexo/gênero e em cruzamentos dessa variável com nível de escolaridade, classe social e mobilidade. Para a caracterização da

variável classe social, utilizou-se de índice composto por escolaridade, profissão, valor médio do metro quadrado no bairro de residência e escolaridade/profissão dos pais. A partir dessa especificação, foi possível configurar os grupos sociais com os quais os falantes convivem cotidianamente.

O *corpus* utilizado para este trabalho busca contemplar características atreladas à variável *classe social* que valorizem a concepção sociológica de linguagem proposta por Bourdieu (1991), já que aspectos como renda, ocupação profissional, escolaridade e local de moradia foram controlados. Eis as especificações propostas para a variável *classe social*: classe baixa; classe média-baixa; classe média-alta. Para o estabelecimento da variável *classe social* foram controlados os seguintes componentes sociais dos informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa:

- a) nível educacional: fundamental, médio ou superior;
- b) profissão: ocupação manual (cozinheira, servente, pedreiro, etc.), ocupação técnica (auxiliar de enfermagem, mestre de obras, eletrotécnico, etc.) e ocupação intelectual (médico, engenheiro, professor, etc.);
- c) renda: até dois salários mínimos, de dois a cinco salários mínimos, acima de dez salários mínimos;
- d) local de moradia: arrabalde (pouco patrimônio e renda baixa), periferia (com alguns bens e renda média-baixa) e centro (com muitos bens e renda média-alta).

É importante salientar que a variável *classe social* em Pelotas está contemplada na própria distribuição dos informantes que compõem o VarX, a partir das dimensões sociais econômica, profissional e educacional. A divisão por *classe social* para Pelotas está presente na Tabela 1:

Tabela 1 – Distribuição dos informantes de Pelotas por *classe social*

Dimensão	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Total
Classe social	Baixa	média-baixa	média-alta	
Pelotas	12	12	12	36

Fonte: o autor

3 A cidade de Pelotas

A primeira referência histórica do surgimento do município de Pelotas data de junho de 1758, através da doação que Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, fez ao Coronel Thomaz Luiz Osório, das terras que ficavam às margens da Lagoa dos Patos. Fugindo da invasão espanhola, em 1763, muitos dos habitantes da Vila de Rio Grande

buscaram refúgio nas terras pertencentes a Thomaz Luiz Osório. A eles vieram juntar-se os retirantes da Colônia do Sacramento, entregue pelos portugueses aos espanhóis em 1777, cumprindo o tratado de Santo Ildefonso assinado entre os dois países.

Em 1780, o português José Pinto Martins, que abandonara o Ceará em consequência da seca, funda às margens do Arroio Pelotas a primeira Charqueada. A prosperidade do estabelecimento, favorecida pela localização, estimulou a criação de outras charqueadas e o crescimento da região, dando origem à povoação que demarcaria o início da Cidade de Pelotas. A Freguesia de São Francisco de Paula, fundada em 07 de Julho de 1812, por iniciativa do padre Pedro Pereira de Mesquita, foi elevada à categoria de Vila em 07 de abril de 1832. Três anos depois, o Presidente da Província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, outorgou à Vila os foros de cidade, com o nome de Pelotas, sugestão dada pelo Deputado Francisco Xavier Pereira.

O nome Pelotas originou-se das embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas pelos indígenas (os Tapes) na travessia dos rios na época das charqueadas. A grande expansão das charqueadas fez com que Pelotas fosse considerada a verdadeira capital econômica da província, vindo a se envolver em todas as grandes causas cívicas. Pelotas passa a ter a maior concentração de curtumes do Estado e uma das maiores capacidades curtidoras de couro e peles do Brasil.

Atualmente o município dispõe de um comércio dinâmico e diversificado com serviços especializados e empresas de pequeno, médio e grande porte. A cidade apresenta uma localização privilegiada por ser centro geográfico do Mercosul e estar próxima de seus mercados. Pelotas é caracterizada por possuir uma comunidade com características étnica, cultural, religiosa e econômica variadas, tornando-se um lugar propício às investigações sociolinguísticas. O município teve uma grande influência de seus colonizadores, portugueses por excelência, como também de negros, alemães, pomeranos e italianos e, em menor número, franceses.

Conforme o Censo/IBGE 2000, que correspondeu ao período das gravações de fala dos informantes, haja vista que a coleta dos dados para o Banco VarX ocorreu no início dos anos 2000, Pelotas contava com uma população urbana de 300.952 habitantes, representando 93% dos habitantes do município. Segundo a Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (FEE), os dados de Pelotas do ano de 2000 associados à escolaridade eram: 91,03% da população alfabetizada e 96,46 possuíam algum nível de escolarização.

A Tabela 2 resume os indicadores sociais referentes à população e à escolaridade da cidade de Pelotas para o período:

Tabela 2 – Indicadores sociais: número de habitantes e escolarização do município de Pelotas (Censo/2000/IBGE e FEE)

Cidade	População urbana	Alfabetizados %	Escolarizados %
<i>Pelotas</i>	300.952	91,03	96,46

Fonte: o autor

Pelotas é uma cidade-polo regional, pois contempla áreas de desenvolvimento bastante consolidadas como as do agronegócio, da saúde, da educação e dos serviços. Conforme Amaral (2003), há na cidade de Pelotas uma diversidade sociolinguística grande fruto principalmente da participação dos seguintes grupos dialetais:

Falantes nativos de pomerano, falantes nativos de variedades de fala do norte da Itália, falantes nativos de espanhol platino, falantes nativos de variedades de fala do norte de Portugal, falantes nativos de variedades de português rural e falantes nativos de variedades de português urbano. (AMARAL, 2003, p. 33-34)

Atualmente Pelotas conta com uma população de 343 651 habitantes. Desses, 44,8% são homens e 55,2% mulheres. A taxa atual de escolaridade em Pelotas é de 96,9%. Conforme estimativas do IBGE, Pelotas é a quarta cidade mais populosa do Estado do Rio Grande do Sul.

4 O Banco de Dados VarX e a metodologia utilizada

O banco de dados que serviu para a análise das entrevistas dos 36 informantes selecionados para este trabalho utilizou como pressuposto teórico-metodológico a teoria sociolinguística laboviana-variacionista. O VarX (Banco de Dados por Classe Social) é composto por 90 entrevistas, realizadas em três zonas residenciais de Pelotas: zona central, zona periférica e zona de arrabalde. A construção do VarX surgiu da necessidade de se estudar com maior profundidade aspectos referentes a classes sociais (ocupação/profissão, renda/patrimônio e escolaridade) e suas implicações sociolinguísticas. O VarX contém gravações de fala de informantes dos dois gêneros (masculino e feminino), de três classes sociais (baixa, média-baixa e média-alta) e de três faixas etárias (de 16-25 anos, de 26-49 anos e de 50 anos ou mais) referentes aos informantes que compõem os dados de Pelotas. As dimensões sociais dos informantes do VarX constam do Quadro 1:

Quadro 1 - Dimensões sociais dos informantes do VarX

Informantes por célula	Gênero		Classe Social		Faixa Etária	
5	X	(Masc. + Fem.)	x	(CS ₁ +CS ₂ +CS ₃)	X	(Fx ₁ +Fx ₂ +Fx ₃)
5	X	2	x	3	X	3
VarX = 90 informantes						

Fonte: AMARAL, 2003, p. 72

Os informantes do VarX fazem parte de uma amostra representativa da realidade histórica e social de Pelotas -RS, obedecendo os seguintes critérios: (a) nascidos em Pelotas, em sua maioria na zona urbana; (b) no caso de informantes que tivessem morado em outra cidade, foi estabelecido que o tempo mínimo de moradia após seu retorno a Pelotas fosse de dez anos; (c) o entrevistado deveria ter a sua situação econômica estável ao longo da vida, ainda que possa ter alcançado maior escolaridade do que a geração anterior, ou possa desempenhar ocupações com mais prestígio entre os seus pares; (d) pertencer a três grupos, no que se refere à escolaridade. Os de *escolaridade fundamental* têm até 5ª série do ensino fundamental, preferencialmente. Os de *escolaridade média-baixa* já completaram o ensino médio, ou frequentam a 3ª série. Os de *escolaridade superior* concluíram ou estão para concluir o curso universitário. Neste último grupo, há informantes com pós-graduação; (e) pertencer a uma das três faixas etárias amplas que servem à definição do número total de informantes por células.

Estas faixas podem, contudo, ser subdivididas em seis, o que permite refinamento da análise. (f) ter o português como língua materna. Foram admitidos, entretanto, indivíduos que tenham como língua materna a variedade de Pomerano falada em Pelotas, desde que tenham aprendido o português pelotense na escola, a partir dos sete anos; (g) ter uma das variedades maternas englobadas pelas hipóteses a seguir: (g1) pelotense popular urbano; (g2) pelotense urbano prestigiado socialmente; (g3) pelotense popular com traços do pomerano; (g4) pelotense popular rural; (h) ser brasileiro nato. É possível, contudo, que alguns informantes se considerem mais alemães do que brasileiros. Não houve, *a priori*, controle de etnias ou raças para a formação do VarX, nem sequer há no questionário como identificar se um informante é, por exemplo, branco ou negro.

Quanto aos critérios para a caracterização das três classes sociais propostas pelo Banco de Dados VarX, Amaral (2003, p. 152) destaca que "a variável 'zona de residência' (que também inclui renda e patrimônio) é a que melhor representa a concepção de Classe Social". A classe média-baixa foi caracterizada como uma classe intermediária, haja vista que o termo 'classe média' não é sinônimo de 'classe baixo-burguesa', mas sim de 'classe

intermediária’.

A "classe baixa" correspondeu aos informantes do grupo próximo à *linha de pobreza*² (com renda familiar média apurada em 2001 de 457 reais). Não estão incluídos na amostra do VarX os miseráveis e os indigentes³. Os informantes da ‘classe baixa’ moram na região aqui definida como arrabalde, têm a escolaridade mais baixa e ocupação manual. Na ‘classe média-baixa’ todos os informantes habitam na periferia de Pelotas, enquanto os da ‘classe média-alta’ residem na região central, têm ensino superior e ocupação intelectual. Esse é o perfil da amostra do VarX.

5 Os resultados do uso de a gente e a variável classe social

A variável *classe social*, estruturada com base nas dimensões sociais de ‘escolaridade’, ‘renda’, ‘local de moradia’ e ‘profissão’ foi selecionada como estatisticamente significativa. Os resultados para a variável *classe social* estão presentes na Tabela 3 e indicam que a distribuição do uso de *a gente* por classe social em Pelotas é favorecido pela classe média-alta, com peso relativo de 0,76, sendo que a diferenciação se dá entre a classe média-alta, que favorece a mudança, e as classes baixas, que desfavorecem a mudança.

Tabela 3 – O uso de *a gente* em Pelotas e a *classe social*
(aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
Classe baixa	317	435	73	0,31
Classe média-baixa	469	588	80	0,39
Classe média-alta	431	537	80	0,76
TOTAIS	1217	1560	78	

Fonte: o autor

A classe média-alta de Pelotas, ao favorecer o uso de *a gente*, parece estar conferindo maior prestígio ao uso da forma inovadora. Os resultados indicam também que em Pelotas a mudança ocorre “de cima para baixo”, sugerindo que o uso de *a gente* pode estar sendo entendido, por setores da comunidade pelotense associados principalmente à

² Abaixo da linha de pobreza estão as pessoas que não dispunham em 2001 de 80 reais mensais para gastos com alimentação. (Segundo critério da FAO para o Brasil, apresentado pelo Jornal Nacional da Rede Globo em 18/06/2001). Em 3/12/2002, a ONU e o IBGE apresentaram conjuntamente à imprensa os resultados de uma nova pesquisa sobre a pobreza no Brasil e no mundo: aproximadamente 1/3 da população brasileira (54 milhões de pessoas) vive com menos de 100 reais por mês. Foi divulgado também que a metade mais pobre da população detém, apenas, 10 % das riquezas do país. (AMARAL, 2003, p. 152)

³ "Miseráveis" são aqueles que vivem em áreas sem infraestrutura, com rara intervenção do poder público para melhoria das condições de habitabilidade. Em Pelotas, os miseráveis, em geral, habitam regiões alagadiças próximas a cursos d'água, moram em barracos de madeira e não têm emprego fixo. (IBGE, Censo, 2000; AMARAL, 2003, p. 153)

classe alta, como um símbolo linguístico de prestígio social. Dessa forma, o uso de *a gente* em Pelotas parece ter prestígio explícito, "seguindo as normas estabelecidas pelos membros poderosos e influentes de uma sociedade" (cf. BAGNO, 2017, p. 436).

Os resultados ainda sinalizam que o uso de *a gente* pode estar sendo entendido, por setores da comunidade pelotense associados principalmente à classe média-alta, como um símbolo linguístico de prestígio social. Dessa forma, o uso de *a gente* em Pelotas indica "prestígio aberto" conferido pela classe social de maior *status* e prestígio social.

5.1 A contribuição da variável gênero

A variável *gênero* torna-se importante para esta análise, pois possibilita a realização de cruzamentos com as variáveis *faixa etária* e *classe social*. A Tabela 4 traz os resultados para a variável *gênero*.

Tabela 4 – O uso de *a gente* em Pelotas e o gênero
(aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R.
F- feminino	713	911	78	0,51
M- masculino	504	649	78	0,49
TOTAIS	1217	1560	78	

Fonte: o autor

Os resultados mostram um "tímido" favorecimento por parte das mulheres para o uso de *a gente*, com peso relativo de 0,51. Observa-se também que os valores, tanto em percentuais como em pesos relativos, são muito próximos. Os pesos relativos maiores para as mulheres – mesmo próximo do ponto neutro 0,50 – vai ao encontro dos resultados do trabalho de Zilles (2002) sobre o uso de *a gente* e também reafirmam a hipótese já observada por Labov (1990, 2001), Eckert (1997, 2000), e Guy (2001), de que as mudanças implementadas pelas mulheres seriam mais rapidamente aceitas na comunidade devido ao papel desempenhado pelas mesmas no núcleo familiar e social, principalmente no que se refere ao cuidado às crianças. Levando-se em conta essas considerações, poder-se-ia supor que o favorecimento do uso de *a gente* pelas mulheres seja um indicador de que a mudança esteja ocorrendo de forma mais "espontânea". LABOV (2001, p. 292), nesse aspecto, enfatiza que: "Em mudança linguística vinda de baixo, as frequências de uso de formas inovadoras pelas mulheres são maiores que as dos homens". Os resultados, ao indicarem o favorecimento do uso de *a gente* pelas mulheres, nos permitem supor um avanço no uso de *a gente* nas gerações futuras da

comunidade de Pelotas. Nesse aspecto, Oushiro (2015) evidencia a importância do papel desempenhado pela fala das mulheres e sua relação com formas de prestígio ou de não-prestígio.

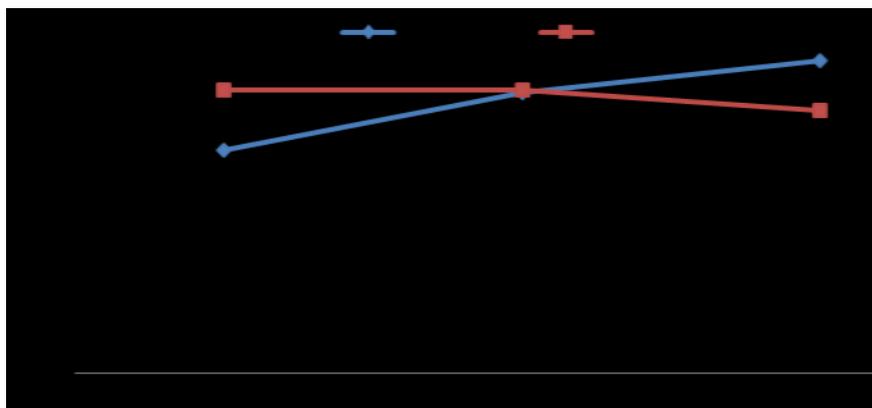
Desse modo, o exame do encaixamento social de variáveis por meio de cruzamentos permite uma descrição mais acurada e interpretações mais adequadas a processos de variação linguística. A fórmula “mulheres tendem a favorecer a forma padrão”, ainda que frequentemente constatada, deve ser cuidadosamente examinada de acordo com características específicas de cada comunidade; as correlações verificadas quanto ao sexo/gênero para diferentes grupos sociais em um grande centro urbano como São Paulo evidencia que a afirmação acima se refere antes a uma hipótese do que a uma regra, que ainda demanda verificação e interpretação. (OUSHIRO, 2015, p. 164)

5.2 O cruzamento entre as variáveis *classe social* e *gênero*

O Gráfico 1 traz os valores percentuais para o cruzamento entre as variáveis *classe social* e *gênero*. Pode-se observar que os percentuais indicam uma inversão das linhas para as classes sociais baixa e média-alta. Na classe baixa são as mulheres, com 80%, que favorecem a utilização de *a gente*; na classe média-alta são os homens, com 88%, que estão à frente da mudança.

Para melhor avaliar esse resultado, aplica-se aqui a proposta de Labov (1990, p. 221), de análise separada da diferenciação de gênero para cada grupo social. Os homens da classe média-alta, ao favorecerem mais o uso da forma inovadora *a gente*, podem estar marcando uma distinção de gênero, justamente por identificarem nas mulheres da sua classe social uma utilização maior de formas mais “padronizadas” que resultariam em uma resistência maior ao processo de mudança. Além disso os homens dessa classe, em Pelotas, podem estar indicando que detêm um “capital social” maior do que as mulheres, o que lhes possibilitaria assumirem uma linguagem “menos padronizada” sem o risco de perderem o seu “poder simbólico” (BOURDIEU, 1991).

Gráfico 1 - Percentuais de aplicação de *a gente* em Pelotas por classe social e gênero



Fonte: o autor

Para a classe baixa estaria ocorrendo o inverso: os homens dessa classe estariam resistindo mais à mudança, devido à identidade de “gênero”. Percebem que a mudança é favorecida pelas mulheres e marcam sua identidade de classe/gênero. Na classe baixa a diferenciação de gênero é mais “valorizada” e mais “forte” do que na classe média-baixa.

Ao que parece, tem-se, em relação ao desempenho dos homens da classe baixa, para o uso de *a gente*, o que Guy (2001) chamou de “princípio da virilidade”. Em suma: (a) os homens da classe média-alta geralmente têm mais “poder simbólico” do que as mulheres, o que lhes possibilitaria a utilização da forma inovadora sem perda do seu *status* social; (b) os homens da classe baixa preocupam-se mais em marcar sua identidade de “gênero”.

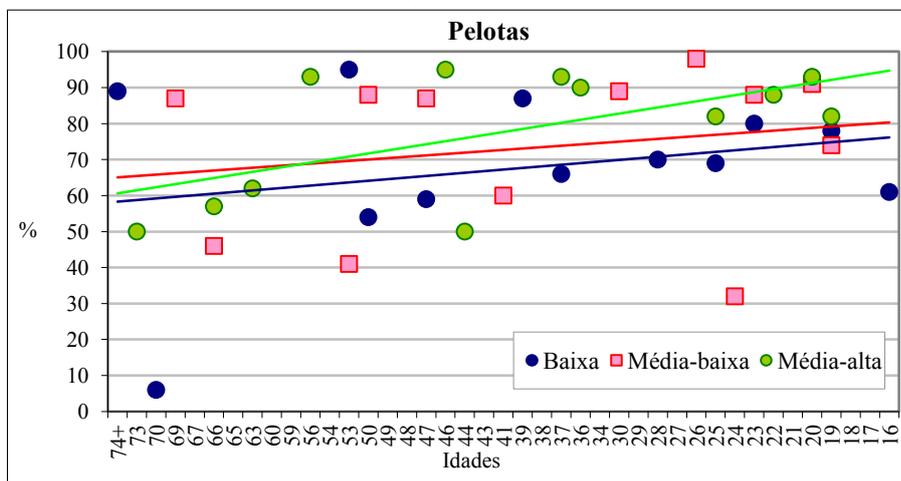
Como afirmou Oushiro (2015, p.164), “a fórmula ‘mulheres tendem a favorecer a forma padrão’, ainda que frequentemente constatada, deve ser cuidadosamente examinada de acordo com características específicas de cada comunidade”. Por esses motivos, as questões relacionadas à interação entre gênero e classe social deverão ser melhor deslindadas *a posteriori*, a partir do novo estudo a ser proposto para 2020, levando-se em conta outras variáveis complementares como “atitude” e “identidade”.

5.3 O cruzamento e as interações entre as variáveis *classe social* e *faixa etária*

O Gráfico 2 mostra o cruzamento entre faixa etária e classe social em Pelotas. Nota-se, pelas linhas de tendência das três classes sociais, que os falantes jovens da classe média-alta de Pelotas apresentam os maiores valores de aplicação de *a gente* do

os jovens da classe baixa. Esse fato suscita a seguinte questão: por que esses informantes jovens, de classes sociais diferentes, apresentam esses valores?

Gráfico 2 – Percentuais de aplicação de *a gente* em Pelotas por faixa etária e classe social



Fonte: o autor

Talvez a resposta esteja no fato de que ambos busquem preservar seus grupos sociais, levando-se em conta o que é *visível* e o que é *invisível* em torno da fala, tomando-se como base o próprio nível de consciência social dos falantes. Os padrões sociolinguísticos para o uso do pronome *a gente* são distintos para as duas classes, o que possibilitaria a coocorrência e a ação de outras variáveis sociais correlacionadas (cf. 'análise multivariável' proposta por Labov (1994)). Os falantes da classe média-alta, sendo assim, teriam conhecimento *visível* (*aberto*) do processo de mudança e utilizariam a forma *a gente* como uma maneira de se diferenciarem socialmente. De forma oposta, os falantes da classe baixa teriam um conhecimento *invisível* (*encoberto*) do mesmo processo, e usariam a forma *a gente* justamente por ser a forma socialmente mais aceita na sua classe social.

5.4 Os resultados da análise para *classe social* e o uso de *a gente*

A análise do processo de variação e mudança em torno da utilização da forma pronominal *a gente* em Pelotas delineou várias evidências a partir de percentuais e pesos relativos estatisticamente significativos, que possibilitam constatações relevantes sobre a dinâmica desse processo.

Os resultados da análise da fala dos informantes de Pelotas mostram que o percentual de *a gente* é superior ao de *nós* nessa comunidade gaúcha. Em Pelotas o

percentual chega a 78%, tratando-se de um processo de mudança em fase bastante adiantada. Considerando-se que a introdução de *a gente* no Português Brasileiro contribuiu tanto para a simplificação do paradigma verbal como para a reestruturação do sistema pronominal, supõe-se que em Pelotas o processo de “enxugamento” do paradigma flexional verbal do Português Brasileiro encontra-se em uma etapa bem adiantada.

Os resultados indicam também que em Pelotas a mudança ocorre “de cima para baixo” (*change from above*), sugerindo que o uso de *a gente* pode estar sendo entendido, por setores da comunidade pelotense associados principalmente à classe média-alta e aos homens, como um símbolo linguístico de prestígio social. Assim, o uso de *a gente* em Pelotas parece ter “prestígio aberto”, indicando tratar-se de uma forma praticamente aceita pela classe social dominante ou mais influente socialmente.

6 Reavaliando o papel da variável *classe social*: novos significados sociais e propostas para futuras pesquisas e análises

Os resultados encontrados para classe social em Pelotas revelam (a) comportamentos opostos relacionados à estratificação social geral dos informantes e (b) identificação dos grupos associado à faixa etária dos jovens e do gênero masculino como responsáveis pelas correlações atribuídas ao uso de *a gente*, caracterizando situações sociolinguísticas opostas representadas pelos extremos do *continuum* socioeconômico das amostras analisadas. Os resultados evidenciam que outros fatores, de caráter histórico, socioeconômico e cultural, necessitam de um olhar mais detalhado para o melhor entendimento das múltiplas interações entre língua e sociedade, para que se possa interpretar melhor o papel da *classe social* e suas correlações com *gênero* e *faixa etária* e seus efeitos nos processos de variação e mudança linguística.

E é justamente isso que pretendemos verificar a partir da nova proposta de redefinição metodológica que estamos elaborando para a continuação da pesquisa sociolinguística a ser realizada a partir de 2020 na comunidade de Pelotas. Efetuaremos o recontato com os informantes do VarX (Pelotas), que tiveram seus dados de fala coletados no início da década de 2000, como também entrevistaremos novos informantes, levando-se em conta algumas mudanças e orientações decorrentes de outras hipóteses e pesquisas, como também de novas reorientações metodológicas e conceituais mais detalhadas que possam contribuir para o melhor entendimento dos contextos sociais da comunidade pelotense e também das múltiplas correlações entre as variações linguísticas

e as diferenças de natureza social. Para esta nova etapa de pesquisa, proposta para 2020, outras propostas e questões complementares também merecerão atenção especial e deverão estar contempladas nesta nova fase do projeto de pesquisa sociolinguística:

Proposta 1: há diferenças por sexo/gênero no emprego de variantes representativas na comunidade urbana de Pelotas? Qual a dimensão da relação entre gênero/sexo e classe social? Como verificamos nos dados apresentados, a variável gênero não foi significativamente importante para a compreensão das diferenciações linguísticas por classe social. Por esse motivo, buscaremos controlar outros fatores que poderão nos indicar novas tendências decorrentes do processo de variação: (a) controlar as diferenças entre mulheres e homens urbanos e entre mulheres e homens rurais; (b) verificar se, a partir de um determinado estágio de escolaridade/trabalho, associado à faixa etária (acima dos 20 anos), as mulheres e homens apresentariam uma tendência à utilização de uma linguagem mais padrão/prestígio, motivada pela entrada no mercado de trabalho, relações familiares mais próximas, busca de superação na sociedade adquirindo indiretamente mudança de *status* social, etc;

Proposta 2: proporcionar, via banco de dados e questionário sociolinguístico, coleta de dados de informantes de comunidades afro-brasileiras, tanto da zona urbana como da zona rural, como as das comunidades quilombolas; em Pelotas há um percentual considerável da população representada pela comunidade afro-brasileira (cf. IBGE);

Proposta 3: reorganização da ficha/questionário de informações sociolinguística, buscando identificar: (a) influência religiosa dos informantes e influência nos grupos e indivíduo; (b) identidade de grupo e/ou indivíduo (fronteira, bilinguismo, atitudes, estilo); (c) identidade e diversidade étnico/racial; (d) comunidade pomerana de Pelotas (papéis da comunidade, do núcleo familiar, da religião, do homem, das relações trabalho);

Proposta 4: mudança da variável "faixa etária" para *fase etária*: fase etária mais jovem, variação social atrelada ao grupo; fase etária mais elevada, variação social atrelada ao indivíduo. (a) fase etária e escolaridade, (b) fase etária e trabalho, (c) fase etária rural vs. urbano, (d) fase etária e redes sociais;

Proposta 5: buscar controlar os efeitos da mobilidade social e dos processos de 'acomodação dialetal' decorrente do fluxo e contrafluxo de indivíduos e de famílias

motivados pelo mercado de trabalho, pela dinâmica da zona de fronteira, pelo abrangência e pelo acesso à educação tecnológica e universitária.

Proposta 6: a partir do que foi aqui apresentado, propor a troca do nome da variável "classe social" para variável *classe sociocultural*.

Referências

AMARAL, L. I. C. A concordância verbal de segunda pessoa no singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais. Porto Alegre, Tese de Doutorado, Instituto de Letras, UFRGS, 2003.

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: parábola editorial, 2017.

BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory: Linguistic variation and its social significance**. Cambridge: Blackwell, 1995.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: COUPLAND, N.; JOWORSKI, A. (Eds.). **Sociolinguistics: a reader and coursebook**. New York: Martin's Press, p. 212-228, 1997.

_____. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

GUY, G. R. Language and social class. **Linguistics: The Cambridge survey**, v. 4, p. 37-63, 1987.

_____. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 17-32, 2000.

_____. Variação e mudança linguística: dimensões sociais. **XII Encontro Regional do Projeto Varsul**, Curso livre, Porto Alegre, UFRGS, maio/jun. 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, vol. 2, p. 205-254, 1990.

_____. **Principles of linguistic change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 20, p. 9-16, jan/jun. 1991.

OUSHIRO, L. Interação entre Sexo/Gênero e classe social no uso variável da concordância verbal . In: FREITAG, R. M; SEVERO, C. G. (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, p. 151-168, 2015.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (eds.). **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics (Papers from NAWV 30)**, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (eds.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

Recebido em: 06 de junho de 2019

Aceito em: 20 de junho de 2019

Publicado em: junho de 2019